

O desfile dos Filhos de Gandhi: fluxos da masculinidade hegemônica experimentando a fluidez dos gêneros e das sexualidades ao som afirmativo do candomblé baiano¹

Marlon Marcos Vieira Passos (UNILAB – Bahia)

Palavras-chave: Filhos de Gandhi; Masculinidades; Transgeneridades.

Introdução

A agremiação carnavalesca e cultural Filhos de Gandhi, surgida na Cidade da Bahia em 1949, é um dos afoxés mais antigos do país. Criado pelos negros trabalhadores da estiva do Porto de Salvador, sua história se confunde com o Carnaval da cidade, um bloco formado só por homens, em maioria negra, tocando músicas sagradas do candomblé ao som da nação ijexá. Homenageando o histórico indiano Mahatma Gandhi, esta agremiação ocupa as ruas centrais da capital baiana há 77 anos durante o Carnaval e na contemporaneidade, desfila no domingo e na terça-feira entre o Pelourinho e o Campo Grande, e na segunda-feira, no bairro da Barra, reunindo em torno de mais de 5 mil homens e proibindo a presença de mulheres em seu interior nos dias de festejos na rua, em profunda intensidade masculina.

O bloco surgiu afetado e contextualizado pelos desdobramentos da Segunda Grande Guerra. Uma era de crise para os estivadores negros do Porto de Salvador, oprimidos pela ideia de muito trabalho e pela possibilidade de extinção dele. Daí, a homenagem ao pacifista indiano em seu ideal de paz. Cruzando uma imagética com as vestes brancas de Gandhi e a cor-fundamento do orixá funfun, o senhor do branco, o Oxalá do povo iorubano civilizador da antiga Cidade da Bahia, a partir do século XIX. Conta a lenda que a criação do Gandhi foi ideia de Durval Marques, o popular Vavá Madeira, mas no fundo se sabe que a agremiação nasceu do desejo coletivo de homens pretos querendo brincar o Carnaval. Evoca a força do homem negro sustentado pelo Porto e adepto desta religião de matriz africana conhecida na Bahia como candomblé. O candomblé ijexá. Uma nação teológica como conceituou Vivaldo da Costa Lima (2003). Uma nação construída dentro

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia – Ano 2026.

do idioma iorubá e fundamentada a fazer música com a sonoridade das águas. O ijexá de Logum-Edé e Oxum. Espaço-tempo para a dança senhorial de Oxalufã.

Os afoxés são os candomblés de rua. A rua caminho de Exu, energia que impacta e comanda o equilíbrio entre o masculino e o feminino e comanda a dança do fogo gerando alegria, caos e transformação. O Gandhy se traduz em sua indumentária icônica e multicultural: um lençol branco lembrando vestes indianas, uma túnica senhorial, acompanhada do indefectível turbante, símbolo da nobreza do bloco, decorado de missangas e brasões que realçam a beleza da vestimenta. As meias e as sandálias. É multicultural porque a montagem do “filho de Gandhy” recebe outros elementos culturais e religiosos associados ao sagrado do candomblé: missangas, patuás, idés, contra-eguns e ferramentas simbólicas usadas no culto aos orixás. Uma mescla entre Índia, Nigéria, Bahia, perfilando a força das africanias na expressão cultural da sociedade brasileira.

É importante ressaltar a presença do azul marinho no branco louvando a Ogum e a Oxoguian, o azul claro a Iemanjá (senhora das águas salgadas, lugar que dá sentido ao Porto, de onde vieram os estivadores) e o branco de Oxalufã, o senhor da fertilidade e da paz celebrada pelos Filhos de Gandhy. O conjunto forma o “Grande Tapete Branco”, famoso no mundo todo. O desfile impacta a nativos e visitantes que sentem a sua passagem com as mais diversas opiniões: “ ah, é lindo ver tanto homem junto dançando ao som do ijexá”, “ fica um tédio essa música de candomblé o tempo todo”, “ eles são ousados, agarram a gente, beija a força, não gosto”, “estou louca por um colar e um beijo”, “ o Gandhy está estranho, tem homem se beijando dentro e fora, está cheio de viado, não era assim”, “ eles atrasam o desfile, é muita gente no ritmo lento, prejudicam o andar normal do Carnaval”, “ são lindos, é o momento mais bonito e mais sagrado do Carnaval da Bahia”.

São diversas e contrastantes as opiniões sobre a presença dos Filhos de Gandhy na Avenida. Contudo, eles asseguram a profunda tradição de um Carnaval que fica vazio sem eles. Os associados são apaixonados pelo bloco e fazem de tudo para sair todos os anos pagando em torno de 600 a 1000 reais pelo que chamam de “fantasia”. O Gandhy é um fenômeno de público e uma comunidade empresarial disputada internamente e vocacionada a instituir um discurso sobre masculinidade hegemônica, onde o corpo cis e heterossexual é visto como exemplo socioexistencial de afirmação e poder. Contudo, a presença gay é muito marcante pelo grande número de homens adeptos do candomblé que possuem uma identidade homossexual assumida. As fontes mais antigas afirmam que

os homens negros e gays do candomblé ajudaram na criação do bloco, dizendo onde tem candomblé e homem sempre haverá a presença gay.

Esse artigo busca analisar algumas complexidades que perfilam e incrementam a existência do Gandhi no cenário cultural de Salvador. É um estudo preambular sobre identidades de gênero e identidades sexuais no universo cultural de uma entidade carnavalesca feita para louvar os orixás se divertindo e afirmar o companheirismo masculino fundado na noção da heterocisnormatividade. A experiência do bloco em desfile demonstra outras possibilidades no seu interior: muitos gays, idosos, trans, bissexuais, curiosos, fazendo frente a jovens héteros, malhados que performam isto que vou chamar aqui de masculinidade hegemônica, e que se sentem incomodados com a presença de muitos que destoam desse cenário idealizado pelo “grupo dos machos”. Em duas seções à frente falarei na primeira, sobre a presença dos corpos dissidentes no bloco e sobre uma espécie de etarismo interno, produzido por jovens padronizados, e externo, produzidos por uma recepção popular que espera ganhar colares e beijos de Filhos de Gandhi jovens, fortes, bonitos e, especialmente, heterossexuais. Na seção seguinte, falarei da presença transmasculina no Gandhi, seus desconfortos e silêncios e a tentativa de apagamento dessas realidades entre os foliões e a instituição legalmente representada.

Os corpos masculinos dissidentes e a opressão interseccional

Ao pensar o candomblé da Bahia, a antropóloga estadunidense Ruth Landes, nos idos de 1938, chamou Salvador de “A cidade das mulheres”, nome da sua belíssima e importante etnografia. Para ela, o candomblé assegurou altivez e domínio religioso de mulheres sacerdotisas que praticavam em seus terreiros uma espécie de matriarcado, algo que ela nunca presenciou em seu país de origem. Talvez, para se fazer jus à realidade filosófica e religiosa do candomblé em Salvador, seria importante dizer à luz de Julio Braga (2014), que esta cidade é das mulheres e dos homens, equilibrando forças e performando papéis que deram substância e vida longa a este modo de vida (NASCIMENTO, 2016) que nós conhecemos como candomblé. Ao sentir este debate diacrônico entre Landes e Braga, percebo a contínua importância de estudar o candomblé e suas variantes numa perspectiva de gênero e da interseccionalidade. Faz-se fundamental entender as complexas relações entre homens e mulheres, buscando revelar experiências

que nos eduquem a uma equidade e construa uma sociedade sem as recorrentes violências dirigidas às mulheres. A interseccionalidade vista em Patricia Hill Collins nos ajuda a entender como as opressões se aliam e afetam de modo desmedido indivíduos e indivíduos que sofrem violência de raça, gênero e classe articuladamente.

Não se pode pensar candomblé sem a interação ritual e política entre homens e mulheres, da mesma maneira não se pode pensar os Filhos de Gandhi sem o candomblé. É notória a grande presença de corpos dissidentes masculinos no universo religioso do candomblé, e em Salvador, grande parte desse público é folião do Gandhi. Muitos homens gays do candomblé de Salvador desfilam todos os anos no Gandhi. Perfilam e afirmam esta tradição que nas ruas, desde o famoso Padê – oferenda a Exu – feito antes da saída no Largo do Pelourinho, até todo um xirê tocando ao ritmo do ijexá, orixás, inquices voduns e caboclos são festejados e a festa se processa nesse fenômeno amalgamado de sagrado e profano exaltando a presença masculina no mundo que dança e canta à luz de nossas africanas.

A grande questão é que há uma proibição velada em relação ao namoro entre gays dentro do bloco. Eles estão presentes, mas devem se comportar a favor do discurso masculino hegemônico: os machos estão ali para se autocelebrarem e conquistar mulheres entregando colares em troca de beijos. O que destoia disso é visto como incômodo e, às vezes, até advertido. Podem existir os gays, mas como no catolicismo, eles não podem ser gays praticantes e sim, figurativos. Não deixa de ser violenta essa discriminação simbólica e silenciosa. Os héteros ficam na corda do bloco “caçando” mulheres para entregar colar e beijar, enquanto os gays procuram se beijar fora do bloco escondido e desfilam tão somente bebendo, cantando, dançando e não fazendo o resto que só é permitido à masculinidade hegemônica.

O masculino gay e bissexual participa da identidade do bloco. Sua performance de sucesso conta com a sensibilidade e o dinheiro desse público. Além da presença dos assumidos, existem os enrustidos e os homens heterossexuais curiosos e permissivos que gostam de passar o Carnaval se divertindo com gays e bissexuais. A experiência do desfile aponta para muitas complexidades na ambiência do gênero e da sexualidade. Outra discriminação recai entre os mais velhos, o que se torna a maior contradição pelo fato do bloco se sustentar em filosofias africanas que valorizam a ancianidade e nos obrigam a ver o mundo à da ancestralidade como uma categoria analítica e construtora de conhecimento.

A presença trans negada mas sentida

A força cultural do Gandhy repousa em duas especificidades: ser um bloco exclusivamente masculino e levar os cânticos sagrados do candomblé para a rua. Não se gera nenhum problema ontológico uma agremiação que reúne uma identidade de gênero entre si para celebrar a vida e reforçar os códigos de companheirismos que a sustentam. Contudo, se esse encontro festivo se baseia na exclusão patriarcal e na incapacidade de enxergar a legitimidade da transgeneridade masculina, e ao invés disso, tratá-la como aberração, o grupo fazedor desse ato descumpra seu papel social e de recreação. O transmasculino performa a sua masculinidade como qualquer outro homem cis. Ele não desqualifica a condição do macho, porque ele é um macho alicerçado na ontologia que domina e comanda o seu ser.

O Gandhy já redigiu carta-mensagem aos seus associados proibindo a presença de homens trans em seu desfile. Contudo, vários transmasculinos povoam a diversidade expressiva dos foliões do bloco, são homens de muitas possibilidades, de diversas etnias, várias religiões, condições sociais diferentes, territórios vários, trajetórias diversas. Os homens trans compõem a beleza do bloco sendo homens como qualquer outro. O próprio candomblé nagô e seus itans sagrados ensinam as diversas identidades sexuais e gênero de seus orixás: a bissexualidade de Oyá, Oxum e Oxóssi. A homossexualidade de Ossãe. A assexualidade de Omolu. A pansexualidade de Exu. E até mesmo, a travestilidade no grande pai Oxalá.

Oxalufã é senhor da criação, orixá masculino que se veste como uma anciã e traz em si elementos entre o masculino e o feminino, performando uma natureza mais feminina que masculina e se ajustando naquilo que Passos (2025) chamou de ser-travesti, para explicar o enigma de uma entidade sagrada traduzir em si as características existenciais de uma pessoa travesti e transexual que deve ser aceita em qualquer ambiente religioso, ainda mais no candomblé que tem em sua entidade maior elementos de travestilidade que perfilam sua condição como ser-travesti.

Os Filhos de Gandhy para acompanhar os processos transformativos de seu tempo, do ponto de vista institucional, deverá aceitar os corpos trans e promover debates e encontros que demonstrem a complexidade e legitimidade dos corpos dissidentes e, profundamente, dos homens trans que tão belamente são Gandhy em sua condição de gênero. É necessário se usar da educação e ocasionar possibilidades melhores para todas as pessoas. Excluir a

transgeneridade do nosso meio, socioexistencial é inviabilizar a vida. O Gandhy desfila contra o racismo religioso. É um grito ancestral afroindígena marcando a Bahia com a força que a Bahia tem. Algo tão revolucionário no sentido das relações etnicorraciais, não pode permanecer tão atrasado no debate sobre gênero e sexualidades, já que buscamos a liberdade e o direito sermos como somos em todos os sentidos.

Considerações Finais

Os Filhos de Gandhy é um potentado cultural da Bahia. Uma indústria da beleza utilizando tecnologia ancestral. Sua força está no aparato artístico, musical, salvaguardado nos terreiros de candomblé da Bahia e do Brasil. Seu aspecto ontológico fundante é fazer parte da chamada Civilização do Tambor (PASSOS, 2025) e traduzir-se em sonoridades milenares trazidas pelos africanos para o Brasil. Seu desfile perfaz o caminho da poesia inebriante e sua presença realça a grandeza do seu povo e a beleza de sua cidade.

O Gandhy precisa avançar em relação aos corpos dissidentes e relativizar o que chamei aqui de masculinidade hegemônica. Sua força combativa contra o racismo religioso pode colaborar também contra a chamada lgbtfobia. Pode incluir pessoas que nos são na perspectiva ontológica da humanidade. Pode exercer seu papel de agente cultural ocasionando inclusão e bem-estar social para todas as pessoas. A sua história revela a luta de homens negros, pobres, discriminados, lutando contra a pobreza e o racismo, ocupando as ruas para se expressarem e envergonharem o Carnaval racista e excludente que existia em Salvador.

Então, agora, é preciso lutar contra a exclusão de gênero e fazer desfiles potentes tendo a dimensão verdadeira da sua diversidade. É preciso fazer política às claras e lutar contra a lgbtfobia. Os gêneros e as sexualidades são fluidos e todos e todas nos afetam. O mais importante é saber que o homem trans traz em si a sua masculinidade em construção, assim como qualquer outro homem dentro da sua heterocisnormatividade.

Referências

BRAGA, Julio. Candomblé: a cidade das mulheres e dos homens. Feira de Santana-Bahia: UEFS EDITORA, 2014.

LÉPINE, Claude. Os estereótipos da personalidade no candomblé nagô. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (Org.). Candomblé: religião do corpo e da alma: tipos psicológicos nas religiões afro-brasileiras. Rio de Janeiro: Pallas, 2000, p. 139-163.

LIMA, Vivaldo da Costa. A Família de Santo nos Candomblés Jejes-Nagôs da Bahia: um estudo de relações intragrupais. Salvador: Corrupio, 2003.

LISPECTOR, Clarice. A descoberta do mundo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. LISPECTOR, Clarice. As palavras e o tempo. Rio de Janeiro: Rocco, 2021

LORDE, Audre. Irmã outsider: ensaios e conferências. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

MARCOS, Marlon. Entre o jocoso e o sagrado: cânticos, sotaques e ensinamentos de caboclo em candomblés de Salvador. Salvador da Bahia: KAWO-KABIYESILE, 2022.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Sobre os candomblés como modos de vida: imagens filosóficas entre Áfricas e Brasis. Ensaios Filosóficos, Rio de Janeiro, 2016.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: educação e cultura afro-brasileira. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação, Brasília, v. 18, p. 28-47, 2012.

OYĚWÙMÍ, O. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução de Juliana Araújo Lopes, para uso didático. Original: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Coalcepts and the challenge of African Epistemologies. Dakar: Codesria, 2004. p. 1-8

PASSOS, M. M. V. Oxalá: a travestilidade em um corpo ancião e divino. Grau Zero – Revista de Crítica Cultural, Alagoinhas-BA: Fábrica de Letras - UNEB, v. 13, n. 1, p. 133–143, 2025. DOI: 10.30620/gz.v13n1.p133. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/grauzero/article/view/v13n1p133>. Acesso em: 30 jun. 2026.

PASSOS, Marlon Marcos Vieira. As filosofias e as tecnologias de terreiro sob a interferência de Exu e dos caboclos: uma análise antropológica de experiências baianas.

ODEERE: Revista Internacional de Relações Étnicas, Bahia, Brasil, v. 9, n. 2, p. 114–138, 2024